Revista Macambira

Professor, viado da porra! Monólogos de um homem com jeito de viado, porque é viado

Antonio José de Souza[1]*

RESUMO

O relato de experiência crítico-reflexivo é feito em primeira pessoa, cuja estrutura é intercalada com maneirismos literários. Toma-se como parâmetro, portanto, o rigor teórico-metodológico da pesquisa (Auto)Biográfica, a criticidade e a atenção devida às interpretações, afastando-se dos pressupostos que reforçam violências e estigmas. O tema é calcado na docência do autor, desenvolvido em monólogos implicados com a discussão e o estudo das diversidades na escola com ênfase na (homos)sexualidade sem negligenciar o contexto sócio-histórico e político no qual o vivido irrompe vinculativo. Ao fim, conclui-se que: i) a pessoa é um ser do seu tempo e, por isso, condicionada, jamais determinada, pelas tramas deste tempo; conclamando a escola, após um período de (des)governo no qual as diversidades e a vida foram combalidas, a refletir sobre a necessidade da afirmação; ii) a negação e a vergonha de-si, no caso, pela (homos)sexualidade, compromete a docência, ofício de humanos entre humanos; iii) então, a máxima de que ensinar exige a assunção (aceitação) de-si próprio.

Palavras-chave: Docência. Homossexualidade. Diversidades. Relato de experiência. Pesquisa (Auto)Biográfica.

Teacher, fucking fagot! Monologues by a man who looks like a faggot, because he is a faggot

ABSTRACT

The critical-reflective experience report is written in the first person, with its structure interspersed with literary mannerisms. Therefore, the theoretical-methodological rigor of (Auto)Biographical research, criticality and attention due to interpretations are taken as parameters, moving away from assumptions that reinforce violence and stigma. The theme focuses on the author's teaching, developed in monologues engaged in the discussion and study of diversities with emphasizing (homo)sexuality without neglecting the socio-historical and political context in which what is experienced emerges as binding. In the end, it is concluded that: i) the person is a being of their time and, therefore, conditioned, never determined, by the plots of this time; calling on the school, after a period of (mis)government in which diversity and life were undermined, to reflect on the need for affirmation; ii) denial and shame of oneself, in this case, due to (homo)sexuality, compromises teaching, a job of humans among humans; iii) then, the maxim that teaching requires the assumption (acceptance) of oneself.

Keywords: Teaching. Homosexuality. Diversities. Experience report. (Auto)Biographical Research.

¡Profesor, maricón de la porra! Monólogos de un hombre que parece un marica, porque es un marica

RESUMEN

El relato de experiencia crítico-reflexivo está escrito en primera persona, cuya estructura se intercala con manierismos literarios. Por lo tanto, se toma como parámetro el rigor teórico-metodológico de la investigación (Auto)Biográfica, la criticidad y la atención por las interpretaciones, alejándose de supuestos que refuerzan la violencia y el estigma. La temática se basa en la enseñanza del autor, desarrollada en monólogos involucrados con la discusión y el estudio de las diversidades en la escuela con énfasis en la (homo)sexualidad sin descuidar el contexto sociohistórico y político en el que lo vivido emerge como vinculante. Al final, se concluye que: i) la persona es un ser de su tiempo y, por tanto, condicionado, nunca determinado, por las tramas de este tiempo;

[1] Teólogo/Historiador. Pesquisador de Pós-Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutor em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Professor da Educação Básica do município de Itiúba, Bahia, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3416-5527. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8851704661928575. *Autor correspondente: tonnysouza@gmail.com.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240.

pidiendo a la escuela, después de un período de (des)gobierno en el que se socavaron la diversidad y la vida, a reflexionar sobre la necesidad de afirmación; ii) la negación y la vergüenza de sí mismo, en este caso, por la (homo)sexualidad, compromete la enseñanza, un trabajo de humanos entre humanos; iii) entonces, la máxima de que enseñar requiere la asunción (aceptación) de-ti mismo.
Palabras clave: Enseñanza. Homosexualidad. Diversidades. Relato de experiencia. Investigación (Auto)Biográfica.

"Quando eu escrevo, digo tudo, quando
falo, sou covarde.".
(Louis, 2020, p. 153)

ESCLARECIMENTO: A EXPOSIÇÃO DO EU-PROFESSOR-VIADO

A epígrafe é do jovem escritor francês Édouard Louis que, nos estertores do seu livro, escreve o que poderia ser o início da sua *História da violência* (2020); uma autobiografia dos ataques vividos na infância, situada em uma vila operária no norte da França, na qual ser *gay*-pobre-efeminado significou rejeição, humilhação e fuga (da família e do lugar). Da fuga à Paris... o fatídico encontro com aquele rapaz misterioso. Das brumas da gélida madrugada de um Natal traumático, porque violento... o estupro e sua quase morte. É daí que surge a constatação de quem, fatigado por falar, contar, dizer e depor os detalhes de uma experiência absurda, ansiava por escrever.

Aqui, a preferência é, também, pela escrita consciente de que se pode dizer mais e melhor quando não se vocaliza. "Falarei" através de palavras talhadas em monólogos "grávidos" da vida cotidiana, ou melhor, da docência cotidiana; o "espaço" (auto)biográfico donde se verá o Eu-professor, expondo-se à maneira de uma narrativa subjetiva, articulada à literatura, à filosofia, à história, à sociologia, à psicologia, quer dizer: minha perspectiva de análise é interdisciplinar, pois só assim para se fazer a hermenêutica do meu-Eu-professor-viado, morando e trabalhando e vivendo em uma cidade pequena do sertão baiano (Arfuch, 2013; Freire, 2015; Martins, 2017). Por isso, a escrita... a fim de evitar a covardia reticente para, ao cabo, refletir sobre a violência simbólica presente na prática docente de homens-professores-*gays*.

PRÓLOGO: AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MINHA INSEGURANÇA

Passados os quatro anos (2019-2022) da licença para estudo, eu retornava à docência na Educação Básica; somados os dois anos (2017-2018) em que assumira a Coordenação Pedagógica Geral do meu município, eu estava há seis anos, ininterruptos, longe da docência. Nesse ínterim surgiu uma "pedra" no meio do caminho do doutoramento, uma "pedra" no meio do caminho: a pandemia de Covid-19; parafraseando Carlos Drummond de Andrade (1928); nunca deixarei de lembrar-me desse acontecido. Suponho que nenhum sobrevivente

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

(refiro-me aos não-negacionistas) esquecerá o impacto das mudanças decorridas deste trauma global intensificado pela "[...] beligerância escatológica do governo bolsonarista, o negacionismo dos seus [partidários] e o culto ao famigerado fármaco 'cloroquina' que, [...] ao invés de curar a doença, [permitiu] a morte de muitos e tantos de nós." (Souza *et al.*, 2020, p. 3, grifo dos autores).

No isolamento compulsório, acompanhei o testemunho de alguns(mas) colegas professores(as) sobre as contrariedades do ensino-remoto-doméstico no auge daquela doença. Cheguei, inclusive, a escrever e publicar um estudo, em parceria, no qual concluíamos que os desafios postos às escolas não eram apenas tecnológicos, mas, fundamentalmente, políticos.

> Por um lado, a precarização das condições de trabalho pela desestruturação do quadro docente fragilizou ainda mais as possibilidades de se pensar efetivamente o papel a ser assumido pela escola neste momento de pandemia, sobretudo, considerando o caráter assumido pela escola [...] como o lugar de (in)formação, debate, encontro, problematização da vida em suas condições de humanização e desumanização. Por outro, percebe-se que as famílias têm o desafio de mediar o processo pedagógico sem as devidas condições, de alguma forma relacionadas ao desafio de acesso às tecnologias, grau de habilidade no uso destas, nível de escolaridade, dinâmica das relações de trabalho na unidade produtiva familiar. De modo similar, a equipe pedagógica também enfrenta as limitações da concepção de formação continuada em tecnologias educacionais (Souza *et al.*, 2020, p. 19).

Mesmo tão absorto nos meus estudos como se estivesse comprometido à vida religiosa, tal um monge beneditino, assentado na leitura, escrita e reflexão, enclausurado nos limites do "monastério" – ainda assim – interessavam-me as reflexões implicadas daqueles(as) colegas professores(as) e suas descrições acerca dos tropeços que marcaram as primeiras iniciativas de resgate das atividades coletivas, especificamente, as aulas ocorridas de modo comunitário em prédios escolares. Naquela altura, já se sabia do retrocesso na aprendizagem dos(as) alunos(as) que não tiveram atividades presenciais por causa da Covid-19 entre o ano letivo de 2020 e parte de 2021 (Portal INSPER, 2023); sabia-se, de modo igual, sobre o inequívoco impacto da pandemia e, consequentemente, do isolamento social, na condição sociopsicológica da maioria dos(as) alunos(as) (Agência Senado, 2022). A reboque dessas circunstâncias, assistíamos à ascensão da extrema direita no poder, regurgitando, como eu digo em outro estudo, o:

> [...] fundamentalismo religioso [...]; esgarçando professores fatigados pelo execrável 'Escola Sem Partido', pelas profusas declarações ofensivas do Chefe do Executivo [...] e seus asseclas que vociferam contra as mulheres, os negros, os gays [...], os pobres e os nordestinos, portanto, o achincalhamento factual, público e institucional da, por assim dizer, legião dos esquecidos de nosso país (Souza, 2022, p. 7, grifo do autor).

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

Partindo dessas reflexões, reconheço que as transformações tecnológicas, sociais e políticas, econômicas, culturais, ideológicas e ambientais têm, decisivamente, respingado nas estruturas escolares, pois são compostas por pessoas-se-fazendo-pessoas com outras pessoas e inseridas e condicionadas (nunca determinadas) pelas condições materiais e históricas (Freire, 1996). Por conseguinte, sabia que, no meu retorno à docência, não encontraria a mesma escola; afinal, ensinar exige-nos o reconhecimento da pessoa – alunos(as), professores(as), gestores(as)... – como um ser-condicionado, na qual a sua presença no mundo não acontece no isolamento ou indiferente à interferência das forças sociais, portanto o que se herda genética, social, cultural e historicamente impacta, sobremaneira, o 'tornar-se' pessoa responsável e com liberdade a partir do campo das possibilidades (Freire, 1996; Sartre, 2014; Souza, 2022).

Tal consciência crítica, colocava-me ante à insegurança típica de quem faz uma estreia. A bem da verdade, apesar da minha experiência de mais de duas décadas na educação, havia a incômoda sensação de inaptidão; tudo fora do lugar, apesar de "arrumado". Voltei à escola sendo um estrangeiro-familiar (tanto para mim, quanto para o 'outro'), assumi a disciplina de Ensino Religioso (que eu não leciono desde o ano de 2010), porque não tinha vaga de História, sob discreta vigilância de quem se surpreendia com o meu material plural-inter-religioso e temia as minhas participações nas reuniões com as famílias (de maioria evangélica). Para além disso, alunos(as) viam com irreverência os itens cor-de-rosa da minha vestimenta, à custa do famigerado juízo: "[...] menino veste azul e menina veste rosa [...]", inclusive, reverberado pela bolsonarista e pastora, Damares Alves – ex-ministra da desativada pasta Mulher, Família e Direitos Humanos (Folha de São Paulo, 2019).

Eu estive confinado, porque foi possível. Estive, de certo modo, apartado das cerimônias de convivência. E ao regressar encontrei o mundo, do qual sou parte, mudado; ele era diferente e eu sabia. Ao tempo que não sabia o que fazer disso... quiçá (re)aprender.

[...]

Ao cabo, vale sublinhar que a razão deste prólogo é para situar os dois monólogos, que se seguirão, na História; quer dizer: no tempo, espaço, no mundo do vivido. O propósito é, ainda, o de demonstrar o cenário dos acontecimentos, eivados de belicosidade, violência, em suma, da negação explícita do 'outro'.

MONÓLOGO 1: PROFESSOR, JEITO-DE-VIADO-PORQUE-VIADO

Era o começo da tarde quando entrei naquela sala de aula agitada, barulhenta e irrequieta pelo calor que fazia, talvez. Ali, uma das minhas primeiras aulas no início do ano

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

letivo que marcava o meu retorno, como já disse, à docência. Fiz-me entrar, cruzando a porta aberta, passando por um caminho invisível por entre grupos de alunos(as) falantes, na verdade, gritantes. No íntimo uma insegurança administrada... parecia que retornava ao princípio do meu ofício: era eu, em tudo ou quase tudo, um recém-formado.

Avancei até o birô. Acomodei minha bolsa, tipo carteiro, de couro envelhecido. Abri. Fiz meneios de retirar algo de dentro... quando, interrompendo o meu pedido de silêncio, ouvi uma voz esganiçada vindo do fundo da sala:

– Professooor! A menina *tá* dizendo, aqui, que você tem jeito de viado!

Foi assim, rápida, certeira... embora se percebesse, inicialmente, uma certa hesitação teatral como se pretendesse não dizer, todavia, sabendo que diria para o deleite de quem quer que fosse: "[...] você tem jeito de viado [...]".

A Aluna não só falava, mas apontava para uma outra, igualmente jovem, que parecia estatelada pela acusação inesperada e belicosa. Eu olhei para a primeira, depois para a segunda e voltei para primeira que, agora, calava-se... não sem antes deixar um par de olhos zombeteiros pousados em mim.

Aquela cena, voz e estridência me alcançaram tal um escape que, ao se aproximar do concreto, causara o impacto repartido em estilhaços ricocheteados por daquele cubículo mal ventilado e, justamente, abafadiço. O que se seguiu pôs fim ao espalhafato que antes eu havia tentado, sem sucesso, aplacar. Daí o silêncio constrangedor...

Eu havia sido atingido bem no centro da sala. Ao redor, agasalhava-me uma atmosfera cálida ou calada? Ambas. Os olhos da plateia chispavam ante à expectativa do próximo ato. Ao que disse:

– Que perspicaz a sua Colega! O jeito de viado que eu tenho é porque eu sou viado.

Gostei do que acabara de dizer; ainda mais pela tranquilidade com que construí a frase, articulei-a nos lábios e a coloquei no mundo (elucidarei esse contentamento mais adiante). A turma parecia me ouvir. A Aluna tinha, prontamente, um olhar de surpresa; deixara a troça. Não sei vaticinar o motivo daquela metamorfose, pareceu-me (decerto) uma frustração por haver se desfeito o *bullying* em prática ineficaz.

Outras coisas foram ditas. Da minha parte: o discurso sobre homofobia, respeito às diferenças e individualidades. Da parte da Aluna: a explicação/justificação de o que acabara de proferir era para me defender do agravo silencioso da Colega. Tudo terminou com os demais dizendo.

– Ser homossexual é normal! Né, Professor?

A aula continuou.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

[...]

Contudo, antes do fim, permita-me contar sobre ter as memórias acossadas. Verdade seja dita, a Aluna mal tinha fechado a boca e eu já me sentira atingido bem no centro da sala. Quase tombei. Foi preciso uma dose considerável de diligência, senão teria tamborilado, ali mesmo, em presença dos olhares que me viam e dos pensamentos que, sabe lá o que pensavam, muito possivelmente, mantinham a excitação de continuar vendo fosse o que fosse.

Aquela audiência de lumes tesos e vidrados, prestigiavam-me com uma estranha atenção; deram, agora, de guardar o silêncio, reduzir os reflexos como se brincassem de estátuas vivas, performáticas e astuciosas.

Cá dentro, não podiam ver, eu era catapultado há exatos vinte anos. Jovem de idade e ofício, voltava à velha escola onde estudara desde a alfabetização até a conclusão do Magistério. Assumira um cargo de professor substituto, dando aula em dois turnos: manhã, para turmas finais do Fundamental; e noturno, para turmas do Ensino Médio, nas quais os(as) matriculados(as) tinham a minha idade ou eram mais velhos(as).

Reconheço tamanha ousadia para um principiante, mas a necessidade não permite fazer mesuras, ou melhor: apresentações ou advertências. A oportunidade nos chega, tal um cavalo célere, você o agarra; prende-se como pode e segue mesmo sem saber o que fazer para se manter firme nos solavancos de quando e vez.

Uma noite, após cumpridos os ritos iniciais da aula, apaguei as luzes da sala. Dei *play* na TV. Iniciou-se a projeção do conteúdo programado... Ao que ouvi:

– Professor, viado!

Aconteceu o que eu mais temia à época: ser flagrado na minha homossexualidade mal disfarçada.

Acendi a luz. Fiz um discurso afetado; acho que um tanto atabalhoado, misturando alhos e bugalhos. Restabeleceu-se o misericordioso silêncio. A luz tornara a ser apagada. Projeção retomada. E o iminente choro estrangula-me impositivo, frio e sádico. Detive-o, engalfinhando-me com ânsia. Terminei o turno. Voltei para casa. Fechei a porta. A vergonha me espreitava... chorei desbragado. Desaceitei o cargo de professor substituto. Voltei noutro dia, afinal, a realidade (ler-se, o carecimento) se impunha.

Voltei... e o resto é História.

MONÓLOGO 2: PROFESSOR, VIADO-DA-PORRA!

O final do ano letivo, o mesmo do início da narrativa anterior (ocorre-me que este período letivo, assemelha-se a um roteirista habilidoso e crispado de boa ironia... tipo

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

bonachão), trouxe, por assim dizer, o desfecho da situação em que conhecidas personagens (Eu e aquela Aluna, sim a mesma!) se viam, uma vez mais, envolvidas na pauta: a existencialidade-viada do Professor (Eu).

No intervalo de uma aula e outra, percebi um zum-zum nos corredores. Alguém me disse:

– Professor, a Aluna anda dizendo que o senhor é um viado-da-porra!

Há algo que eu deixei de dizer, a Aluna seguiu tendo comportamentos erráticos no decurso letivo. Na tarde do fatídico viado-da-porra, eu havia chamado a atenção da Aluna que, por conjectura, ficou amofinada. O fato é que ela saiu bufando ideias pejorativas encapsuladas no composto xingo viado-da-porra. Os ruídos do zum-zum compareceram na sala da Coordenadora Pedagógica que me chamou e, também, a Aluna.

Conversamos. Lembramo-la da reincidência do seu ato, ressaltando que atitudes preconceituosas ou jocosas às pessoas *gays* por serem *gays*, configurava em homofobia (G1, 2023) e era o caso, pois a sexualidade do Professor tornava a ser pronunciada a partir do léxico insultuoso; posto que se nega o 'outro', desumaniza o 'outro' e bestializa um elemento importante da existencialidade de qualquer pessoa, no caso: a sexualidade.

A sexualidade, aqui, animalizada (veado – mamífero herbívoro) através da pronunciação em alusão ao animal (veado): *viado*; na lógica vilipendiosa de que homens-que-amam-outros-homens são (des)*viados* da possibilidade de ser-pessoa-de-bem*, cabendo ser-pessoa-da-porra.

Alguns dias decorreram. Estávamos em reunião, nós (os/as Professores/as) e a Coordenação Pedagógica. Ao contar o episódio do Professor-viado-da-porra, eis que uma Colega atalhou com um gesto inesperado:

– Mas, a Aluna afirmou que você é um viado-da-porra! Veja, DA-PORRA!

Breve silêncio. Reflexão. Risos, muitos risos. Lembramos, quase de modo unânime, que no dicionário baiano 'porra' é tudo: interjeição, assinalamento geográfico, designação de determinada ação, insulto grande e pequeno e, inclusive, um adjetivo elogioso. Então, acabei ressignificando e admitindo:

– Devo ser mesmo um PROFESSOR-VIADO-DA-PORRA!

EPÍLOGO: CONCLUSÕES ENUMERADAS

Primeira conclusão:

(A Aluna é um ser do seu tempo e notas sobre as diversidades na escola)

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

A Aluna, importante personagem dos dois monólogos, é uma pessoa condicionada, sem dúvida, com a probabilidade de ser 'algo a mais', posto que é um 'ser' inacabado (condição de toda e qualquer existência) e, por consequência, em construção. Digo condicionada, nunca determinada; guardando a responsabilidade de 'fazer-se' e de 'tornar-se' melhor (Freire, 1996). Entretanto, reitero que o contexto recente de pandemia e descaso criminoso à vida humana e suas diversidades, propalados por autoridades e figuras midiáticas, deixou a nódoa da ignorância (aqui, não apenas a ausência do saber, mas, fundamentalmente, a ignorância que, por propósito deliberado, nega-se a saber) festejada, tufada e replicada. Dito isto, chamo atenção para o esvaziamento das temáticas antissexista, antirracista e anti-LGBTQIAPN+fobia nas escolas, bem como para premência da reflexão acerca das diversidades no âmbito escolar; afinal, o respeito às diferenças e a inviolabilidade do direito dos(as) alunos(as) e professores(as) de terem existências dignificadas, devem figurar e efetivar-se no currículo escolar e na formação docente (Souza *et al.*, 2021).

Segunda conclusão:

(A vergonha da própria existência e os respingos na docência sobressaltada)

Como eu digo em outra pesquisa (Souza, 2022), o xingamento 'viado' tinha o poder, na infância, de minar as minhas forças e capacidade de reação, pois, à maneira da "*kriptonita*" – o mineral que enfraquecia aquele Super-Homem da ficção – tornava-me destituído de masculinidade, dignidade e afirmação. Daí a minha perplexidade e autonegação ante à diferença ressaltada e rechaçada em mim. Na tenra idade, a vergonha da própria existência me exauria. A vergonha me escoltou pela adolescência, infligindo o ímpeto de me esconder. Assim, atravessei uma quadra da minha vida em mordaz silêncio. Cresci tergiversando uma (homos)sexualidade impronunciável. Tornei-me professor, ocupando espaços caóticos nos quais enclausurei (por defesa e estratégia de sobrevivência) minhas diferenças, à época, conflitantes e sobressaltadas. O silêncio era a síntese da absoluta vergonha que, sabe-se, é habitar o mundo sendo capturado na forma como o 'outro' nos vê (Sartre, 1997; Souza, 2022; Trevisan, 2017). Mais tarde, obtive, no processo de 'fazer-se' e 'tornar-se', a consciência de que a docência é um ofício do humano, trabalhando com os humanos, cujo objeto do trabalho é o humano com suas subjetividades (Paro, 2018).

***Adendo**

(Ser-pessoa-de-bem?)

O que é ser-de-bem? Tal construto aparece no monólogo para expor a hipocrisia da horda fundamentalista que "[...] toma para si o estandarte do 'Bem', a insígnia do mais 'Forte' e a supremacia para eleger o 'bode expiatório' [...]" (Souza, 2022, p. 65, grifos do autor).

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

Assim, tem-se uma parte farisaica da sociedade brasileira, de ditos "grandes homens", arvorando-se do alto de suas súmulas religiosas, dos prodigiosos discursos em defesa da família e do venturoso patriotismo para, com dedo em riste, reconhecer (ou não) a existencialidade do 'outro'. Sendo, este 'outro' não-branco, não-homem, não-hétero, não-cristão, não-sulista, não-fidalgo, não-Narciso (que, ainda, acha feio o que não é espelho), apregoa a defesa do "bem-nascido" físico, mental e "moralmente", chamando para si a marca do homem "direto" e de "ação". Demarcando os limites entre o suposto "homem-de-bem" e a "pessoa-bicho", estabelece-se uma relação persecutória entre as subjetividades e as identidades dos(as) 'diferentes' mantidos(as) à rédea curta (Dostoiévski, 2000; Souza, 2022). O antídoto? O bem-viver de um amor total e livre em *si* e no *nós*.

Terceira conclusão:

(Ensinar exige a assunção de-si)

Sobre a assunção, refiro-me à aceitação de-si-mesmo, ao verbo 'assumir'. Aceitação-acolhimento-afirmação-assunção irrestrita das suas diferenças. Nesse sentido, a assunção de-si não comporta e nem admite a exclusão de um 'eu', visto que é a experiência profunda de assumir-se na totalidade. Portanto, defendo, à guisa de Paulo Freire (1996), que a docência, exige participar do movimento correspondente à pedagogicidade da assunção, isto é: ser histórico ↔ social, ser pensante ↔ comunicante, ser criador ↔ transformador e, ainda, ter a capacidade de sonhar, sentir raiva, posto que é, também, capaz de amar; em definitivo, ser Professor demanda assumir-se enquanto sujeito da própria assunção (Freire, 1996; Souza, 2022). Em razão disso, o meu contentar-se comigo mesmo (perdão a redundância) na resposta à Aluna: "[...] O jeito de viado que eu tenho é porque eu sou viado."

Ponto e basta!

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA SENADO. **Pandemia prejudicou condição psicológica de estudantes, mostra pesquisa**. Agência Senado, Brasília, Distrito Federal, 30/05/2022. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/30/pandemia-prejudicou-condicao-psicologica-de-estudantes-mostra-pesquisa#:~:text=O%20estudo%20mostra%20que%2070,esses%20estudantes%20precisam%20ser%20olhados. Acesso em: 04 jan. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. **Revista de Antropofagia**. Ano 1, nº 3, São Paulo, julho de 1928. Disponível em: https://ims.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Antropofagia.Anno_capa_1500px.jpg. Acesso em: 03 jan. 2024.

ARFUCH, Leonor. Referência no estudo de relatos biográficos, a argentina Leonor Arfuch fala sobre a polêmica das biografias. Entrevista ao **Jornal Digital GZH**, Rio Grande do Sul, 07 dez. 2013. Seção Cultura e Lazer. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

e-lazer/noticia/2013/12/referencia-no-estudo-de-relatos-biograficos-a-argentina-leonor-arfuch-fala-sobre-a-polemica-das-biografias-4357746.html. Acesso em 04 jan. 2024.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. **'MENINO veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves**. Folha de São Paulo, São Paulo, 04/01/2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml. Acesso em: 07 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz & Terra, 2015.

G1. **Supremo determina que atos de homofobia e transfobia contra indivíduos sejam punidos como injúria racial**. G1.globo, [*S.l.*], 22/08/2023. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/08/22/supremo-determina-que-atos-de-homofobia-e-transfobia-sejam-punidos-como-injuria-racial.ghtml. Acesso em: 16 jan. 2024.

LOUIS, Édouard. **História da violência**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

MARTINS, Emerson. Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas. **Tese** (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Professor**: artesão ou operário? São Paulo: Cortez, 2018.

PORTAL INSPER. **Ensino remoto na pandemia gera prejuízos na formação de alunos**. Portal Insper, São Paulo, 23/03/2023. Disponível em: https://www.insper.edu.br/conhecimento/politicas-publicas/ensino-remoto-pandemia-portugues-matematica/. Acesso em: 04 jan. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SOUZA, Antonio José de. Tornar-se negrogay: a história de vida de um homem-professor situado e "sitiado". **Tese** (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade. Salvador, 2022.

SOUZA, Antonio José de; *et al*. A Covid-19 e os desafios da Educação do Campo no município de Riacho de Santana/BA. **Revista Macambira**, *[S.l.]*, volume 4, n. 2, jul/dez 2020. Disponível em: https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/506/439. Acesso em: 03 jan. 2024.

SOUZA, Antonio José de; *et al*. Escola e docência no contexto da diversidade: notas crítico-reflexivas e propositivas. **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, 1(1), 2021. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/revnupe/article/view/12752. Acesso em: 15 jan. 2024.

TREVISAN, João Silvério. **Pai, Pai**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 18/01/2024 **Aceito em**: 03/05/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 01/18/2024 **Accepted in**: 05/03/2024 **Published on**: 09/30/2024
Conflitos de Interesse O autor declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DE SOUZA, Antonio José. Professor, viado da porra! Monólogos de um homem com jeito de viado, porque é viado. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033 jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240.	**How to cite this article - ABNT** DE SOUZA, Antonio José. Teacher, fucking fagot! Monologues by a man who looks like a faggot, because he is a faggoto. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081033, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1240.
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	**Use license** The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.